

A CRIANÇA SÍRIA E A CHAPECOENSE: SOLIDARIEDADE, COOPTAÇÃO E OPORTUNISMO

Daniel dos Santos Simon de Carvalho

Professor substituto no Instituto
Federal Goiano/Ceres e Mestre em
Sociologia pela UFG
(Universidade Federal de Goiás).

Um dos imperativos mais fortes do mundo, sem dúvida, é a morte. O fenômeno que coloca o fim em tudo e revela que todos os seres vivos são transitórios e efêmeros. Os seres humanos vêm ao longo dos tempos tentando achar subterfúgios para postergá-la. Nós aprendemos ao longo de nossas vidas que lidar com a morte é algo necessário e que “a vida continua” independente de acontecimentos fúnebres. Entretanto, em algumas circunstâncias não estamos preparados para lidar com ela, sendo suas consequências devastadoras.

Um exemplo disso é quando uma mãe ou um pai perdem um filho. Podemos imaginar quão terrível é essa dor. Entre os dias 28 e 29 de novembro, observamos um exemplo que gerou uma catarse coletiva: A queda do avião que levava o time da chapecoense (mais comissão técnica, jornalistas, diretores, etc.), matando 71 pessoas¹. Outra cena que chocou o mundo, há pouco mais de um ano, foi a foto do menino sírio Alan Kurdi, encontrado morto de bruços na areia em uma praia da Turquia². O que ambos os casos têm em comum? Muita coisa!

1Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>. Acessado no dia 27 de fevereiro de 2017.

2Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd. Acessado no dia 27 de fevereiro de 2017.

Revista Posição

Em primeiro lugar ambos os episódios passam o aspecto de ser “antinatural”, o primeiro por se tratar de uma grande quantidade de pessoas que estavam a caminho de um evento esportivo (a final da copa sul-americana, maior feito da Chapecoense em sua história). A expectativa e a ansiedade foram interrompidas por uma tragédia. O segundo caso por se tratar de uma criança! Ora, elas são jovens, não esperamos que morram, elas – em tese – tem uma vida toda pela frente. Em seguida, pela maneira chocante, já que a criança morreu afogada. E por último, o fato de estarem fugindo da Síria.

Nessas horas, um dos mais autênticos sentimentos humanos se manifesta: a solidariedade! Ao contrário do que o pseudo-axioma de uma corrente da economia faz crer, o ser humano não é egoísta “por natureza”. Aliás, é bem irônico como nessas situações, falácias como as do *homo economicus* se revelam frágeis como um castelo de cartas.

O que vimos após esse acidente de avião? Comoção, apoio (mesmo que simbólico) e uma verdadeira confraternização entre as pessoas. A tal ponto que a torcida do Atlético Nacional, time que seria adversário da Chapecoense, lotou seu estádio no horário correspondente ao da decisão do campeonato. Todos gritavam: “Vamos Chape!”. Pessoas que até a semana anterior, muito provavelmente jamais ouviram falar da Chapecoense, que não conheciam nenhuma das pessoas mortas. Isso é incrível! No caso da criança Síria aconteceu algo semelhante. Uma enorme quantidade de pessoas na Europa começou a oferecer suas casas para abrigar refugiados. O que esse acontecimento gerou foi tão forte e brutal, que até os políticos conservadores da Europa foram obrigados a recuar (pelo menos temporariamente) frente às medidas anti-imigração. Esses eventos mostram que existe algo que transcende nacionalidades, etnias e classes sociais.

Revista Posição

Todavia, cabe ressaltar que este nobre sentimento, possui um antagonismo em si mesmo. Nós vivemos em um mundo capitalista, e como Karl Marx já ressaltou em diversas obras: O capitalismo possui uma capacidade ímpar de incorporar a crítica e usá-la a seu favor (MARX e ENGELS, 1987). Dito isso, chegaremos em outra questão: a cooptação!

A catarse que esses fenômenos geram, apesar de ser um sentimento legítimo, também pode ser danosa, justamente por ser tão exacerbada. Por isso, é bem possível que grupos que possuem grande capital econômico e aparato comunicacional, possam muito bem pautar o que sentir e como o fazer. Em junho de 2013 no Brasil isso fato ocorreu. Os oligopólios comunicacionais conseguiram – em duas semanas – desvirtuar uma pauta contra precarização dos serviços públicos, impedimentos de mobilidade urbana e críticas aos gastos com a Copa do Mundo e as Olimpíadas, em um discurso vazio anticorrupção.

É bem simples: a notícia é um “produto” e como tal precisa ser vendida. Mas ela tem que ser muito boa, ou muito ruim, notícia “mais ou menos” não é algo interessante aos detentores do oligopólio comunicacional. É bem simples: notícia é uma mercadoria e como tal precisa ser vendida. Assim surge o sensacionalismo: é mostrado o choro das famílias, a tal ponto que o telespectador chore junto. É algo estritamente emotivo. Até que chegue o ponto em que falam que deve parar de chorar e seguir em frente, para posteriormente ser bombardeado com outra manchete emotiva e sensacionalista.

Essa cooptação, gera outra figura: os oportunistas! São indivíduos ou grupos que se aproveitam desses momentos de catarse emotiva (e da cooptação midiática) e se lançam na esfera pública para alcançar interesses específicos. Um bom exemplo disso, ocorreu em 2013, com o Movimento Passe Livre, que encabeçou as primeiras

Revista Posição

manifestações de 2013, sendo plagiado por um grupo de fascistas que criaram o “Movimento Brasil Livre”. Vejam a diferença que uma simples palavra faz. No caso do menino Sírio, o debate político foi esvaziado, restando uma espécie de filantropia (aos moldes religiosos de caridade). No caso da tragédia envolvendo o time da Chapecoense, ocorreu no mesmo dia a votação da PEC 55 no Senado. O oportunismo no caso se deu por não terem adiado a votação perante tal acontecimento, e deram “sorte” que este assunto acabou ficando em segundo plano nos noticiários.

Nosso grande desafio é superar essa oposição dualística. Como ser solidário e manifestar esse autêntico sentimento, mas não submeter a cooptação e por consequência barrar os oportunistas? Como podemos ir mais além e externar toda nossa potencialidade humana e superar todos os limites de classe, etnia, sexo, nacionalidade, etc.? Enquanto não houver a superação do capitalismo, tais limites sempre estarão postos e é a isso que devemos nos remeter.

Referências

MARX, K. e ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1987.